

**Patrícia Araújo**

Doutoranda na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) Portugal

Filomena Jordão

Professora Auxiliar (FPCEUP, Porto, Portugal)

José Manuel Castro

Professor Auxiliar Convidado (FPCEUP, Porto, Portugal)
Técnico Superior Assessor, Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP.IP Porto, Portugal)

Impactos do desemprego em graduados do ensino superior: Resultados preliminares

Impacts of unemployment in higher education graduates: Intermediate results

Resumo

O desemprego, vivência involuntária de relações laborais atípicas, precárias ou flexíveis, alternada com momentos de desemprego (Araújo & Jordão, 2011, Araújo, Castro & Jordão, 2013; Araújo, Jordão & Castro, 2014), tem-se tornado cada vez mais, particularmente para os graduados, uma realidade devido às transformações e necessidades dos mercados. O objetivo principal desta investigação é estudar os impactos do desemprego em graduados portugueses. Optou-se pela *Grounded Theory*, metodologia indicada para gerar novas teorias sobre fenómenos inexplorados e pela entrevista semiestruturada áudio-gravada como técnica de recolha de informação, integralmente transcritas e inseridas no software Nvivo para análise qualitativa. A amostra, até ao momento, é constituída por 9 participantes, possuidores de licenciatura em diversas áreas científicas e com uma média de idades de 34 anos. Resultados preliminares documentam diversos impactos do desemprego como, por exemplo: (a) Aprendizagem, experiência, satisfação e reconhecimento profissional; (b) Sentimento de frustração, injustiça, tristeza, ansiedade, stress, medo, revolta; (c) Degradação de Salários/pagamentos; (d) Impostos e despesas acrescidas e perda de benefícios sociais; (e) Maior instabilidade pessoal, profissional e económica, entre outros. Espera-se que a partilha dos resultados nesta fase da investigação à comunidade científica possa contribuir para uma reflexão aprofundada sobre esta temática permitindo no futuro a criação de uma teoria sobre os impactos do desemprego.

Palavras-chave: Desemprego, relações laborais atípicas, trabalho precário, desemprego, graduados do ensino superior, *Grounded Theory*.

1. Introdução

O interesse psicossocial no desemprego remonta aos estudos clássicos realizados durante a depressão em tempo de guerra ou entre grandes guerras, sendo um dos mais antigos artigos sobre o assunto o de Lazarsfeld e Eisenberg, datado de 1938, que evidenciou as reações negativas das pessoas à experiência de desemprego. Mais de 75 anos depois, o tema do desemprego continua atual, se não até mais premente. Os autores já afirmavam que *"It seems to us that the greatest need in this field of investigation is an effort to lay out a network of interlocking theoretical problems"* (Eisenberg & Lazarsfeld, 1938, p. 385) e, tem sido nesse sentido que a investigação científica tem procurado ultrapassar a dicotomia emprego-desemprego, estudando as *'shades of grey'* laborais (Eurofound, 2012).

Nas últimas décadas tem-se observado, em Portugal, um florescimento dos tipos de vínculos laborais precários em Portugal como, por exemplo, o trabalho a prazo, o trabalho a tempo parcial involuntário, o trabalho independente involuntário, uma panóplia diversas de estágios e bolsas e muitas mais tipologias de enquadramentos laborais, que não oferecem a tão esperada estabilidade de um emprego (contrato de trabalho sem termo entre um indivíduo e uma organização).

De facto, as transformações no mercado laboral e na forma como pessoas e organizações estabelecem relações e vínculos, fizeram emergir este tipo de relações, que, sendo oportunidades de trabalho, não se constituem como um emprego e que têm sido estudadas sob distintas designações (Kalleberg, 2009; Kovács, 2004; Oliveira & Carvalho, 2008; Vaz, 2000). Apesar da dificuldade em definir trabalho precário, flexível, atípico ou contingente, pode-se considerar que estas designações se referem a todo o trabalho que não é permanente, não possui remuneração fixa, restringe direitos sociais e não oferece vínculo (Polivka & Nardone, 1989).

Foi no sentido de aprofundar estas problemáticas que apresentamos em investigações anteriores (Araújo & Jordão, 2011; Araújo, Castro e Jordão, 2013; Araújo, Jordão & Castro, 2014) o constructo do inemprego, que pode ser definido como a vivência contínua, alternada, ao longo da carreira, de momentos de desemprego e de relações laborais precárias.

Nessas investigações, descreveu-se o inemprego como uma vivência mais proeminente em graduados. Em toda a Europa tem ocorrido uma massificação do ensino superior e Portugal não é exceção: em 1991 existiam 18.671 diplomados e, em 2012, esse número mais do que quadruplicou 81.410 (Pordata, 2014). Os impactos do inemprego serão mais prementes em graduados pois estes expectaram que, elevar o grau académico lhe garantia um emprego (Castro & Pego, 2000), o que acontece cada vez menos pois "atualmente os trajetos laborais dos graduados são sinuosos e precários (...) e a terciarização, a globalização e a interpenetração de mercados, o alargamento do ensino superior e a rigidez laboral, abriram espaço para a precariedade" (Alves, Cantante, Baptista e Carmo, 2011, p.68).

Se os impactos do desemprego têm vindo a ser estudados ao longo de décadas, os impactos das relações laborais precárias começaram recentemente a ser descritos pelas ciências, porém, são poucas as investigações que estudam os impactos em públicos com elevados níveis académicos.

Para apurar o impacto do inemprego em graduados realizou-se anteriormente uma revisão sistemática integrativa da literatura (Araújo, Jordão & Castro, 2014) que se apresenta como uma resposta a uma lacuna, propondo-se estudar de forma integrada os impactos do desemprego e relações laborais atípicas, flexíveis ou precárias, em graduados.

Nesse trabalho emergiram apenas 3 investigações de terreno especificamente realizadas com graduados que referiam como impactos do desemprego: menores níveis de felicidade (Hock-Eam, 2010), investimento em mais formação superior (Johnson, 2013) e salários baixos (Sebastian, 2008).

Não surgiram na pesquisa da revisão integrativa outros estudantes potencialmente revelantes sobre impactos do desemprego realizados em Portugal como é o caso do estudo de Paulino, Coimbra e Gonçalves (2010), que abordou 577 diplomados portugueses e que concluiu que o desemprego conduz a uma percepção global de menor possibilidade de acesso a funções psicológicas do trabalho e a uma redução da percepção de bem-estar, nem o de Araújo e Jordão (2011) que relataram impactos do desemprego diversos como, por exemplo, a perda de benefícios sociais, a dificuldade em planejar o futuro, a instabilidade financeira, a dependência de outros, sentimentos de frustração, inutilidade, culpabilização, tristeza e injustiça, a oportunidade de evolução pessoal e esperança e atitude positiva, entre outros.

No que respeita aos impactos da vivência de relações laborais precárias em graduados, essa revisão integrativa fez emergir apenas 8 investigações de terreno no mundo inteiro que especificamente abordavam o impacto da precariedade em graduados (Adsera, 2011; Araújo & Jordão, 2011; Bertrand-Cloodt

et al., 2012; Briscoe et al., 2011; Gebel, 2009; Hensen et al., 2009; Rosti & Chelli, 2012; Viens, 1996). Exploraremos alguns resultados destas investigações de seguida.

Bertrand-Cloudt, Corvers, Kriechel e Van Thor (2012) num estudo com mais de 2000 graduados, descrevem como impactos da precariedade a oportunidade de obter experiência relevante, o desenvolvimento de competências profissionais, menos compensações e formações, trabalho fora da área e abaixo do nível educacional e Salários baixos. Outros impactos têm sido descritos como, o aumento de horas de trabalho em casa (Briscoe, Wardell & Sawyer, 2011), a maior mobilidade geográfica (Hensen, De Vries, & Cörvers, 2009), a baixa probabilidade de passar para contratos regulares (Rosti & Chelli, 2012) e impostos acrescidos, impactos na saúde física e psicológica, sentimentos de insatisfação, desmotivação, frustração, culpabilização e insegurança, o reconhecimento profissional, a possibilidade de outras oportunidades e aprendizagem individual e organizacional (Araújo & Jordão, 2011).

Nessa revisão integrativa concluiu-se também que já existiam impactos comuns às duas situações (desemprego e precariedade), tendo-se identificado 5 investigações, a nível mundial, especificamente realizadas com públicos graduados e com prova empírica que reportaram impactos quer do desemprego quer da precariedade (Adsera, 2011; Araújo & Jordão, 2011; Bertrand-Cloudt et al., 2012; Hock-Eam, 2010; Viens, 1996) sendo que três reportam impactos semelhantes em ambas as situações: o adiamento da decisão de ter um segundo filho (Adsera, 2011), a rápida adaptação nas funções, a divergência dos princípios científicos e éticos que orientam a prática profissional dos graduados, a reflexão constante sobre a qualidade das suas práticas e do seu futuro profissional e a falta de esperança de integração (Viens, 1996) e, por fim, Araújo e Jordão (2011), que listaram os impactos do desemprego e da precariedade, identificam consequências comuns a ambas as condições laborais como a perda de benefícios e impostos acrescidos, a incapacidade de planear o futuro, a dependência familiar ou de outros, a instabilidade financeira e os sentimentos de frustração, injustiça e tristeza.

Tendo como objetivo fundamental explorar os impactos do inemprego em graduados portugueses, apresenta-se neste artigo, os resultados preliminares encontrados.

2. Método

Opta-se por uma investigação de cariz qualitativo, de forma coerente com estudos anteriores (Araújo & Jordão, 2011) e porque esta é a abordagem mais adequada para estudar fenómenos caracterizados por um alto grau de complexidade e ainda pouco explorados, como é o caso dos impactos do inemprego. O facto de não existir investigação sobre o inemprego fez-nos optar pela *Grounded Theory*¹, já que esta tem como objetivo último a construção de teoria (e não a sua verificação) com base na recolha e análise sistemática e rigorosa da informação (Fernandes & Maia, 2011). As competências do entrevistador, quer na técnica de entrevista semi-estruturada, quer na grounded theory são fulcrais, devendo este ter um papel ativo, interativo e sempre atento a novas pistas que surjam (Charmaz, 2006). Uma vez que, na *Grounded Theory*, a teoria emerge dos dados (Charmaz, 2006) é adequado formular questões de investigação o mais amplas possível, para que a recolha de informação seja enriquecida. Assim, procuramos responder à seguinte questão de investigação: Quais os impactos da vivência do inemprego em graduados portugueses?

2.1.Participantes

Os 9 participantes da amostra vivenciam o inemprego, já que experienciaram relações laborais precárias ou flexíveis alternadas com desemprego em algum momento da carreira e encontram-se no momento da entrevista a laborar nos distritos de Lisboa, Porto e Braga. As características detalhadas dos entrevistados encontram-se descritas na Tabela 1. A média de idades é de 34 anos e a média de anos de experiência profissional após graduação é de 8,5 anos.

¹ Em português, teoria fundamentada/ancorada nos dados.

Tabela 1: Características dos 9 participantes do estudo

	Sexo (M/F)	Estado Civil	Idade	N. de Filhos	Grau Académico	Anos de Experiência	Relação Laboral Atual (Oficial)	Área Científica
E1	F	União de facto	32	0	Licenciatura	10	Contrato a Prazo	Ensino 1º ciclo
E2	F	União de facto	36	0	Licenciatura	1,5	Falso independente	Comunicação Imprintorial
E3	F	Solteiro	29	0	Licenciatura	6,5	Desempregado	Arquitetura Paisagística
E4	M	Solteiro	35	0	Mestrado	4,5	Desempregado	Engenharia mecânica
E5	F	Casado	35	1	Licenciatura (2)	13	Trabalho independente	Biologia Geologia e Enfermagem
E6	F	União de facto	26	0	Licenciatura	4,5	Desempregado	Est. Português e Inglês
E7	F	Solteiro	41	1	Licenciatura	18	Contrato a Prazo	Relações Públicas
E8	M	Casado	36	2	Doutoramento	13	Bolseiro	Psicologia Ciências Educação
E9	F	Casado	26	0	Licenciatura	4	Desempregado	Contabilidade e Administração

2.2. Técnica de recolha de dados

A técnica de recolha de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada áudio-gravada com vista à recolha da história laboral dos participantes.

A partir de um guião semiestruturado foi realizada uma entrevista piloto a uma graduada do sexo feminino, com grau académico de Doutor, com 32 anos de idade, solteira e sem filhos. Após este pré-teste do guião, entendeu-se retirar algumas perguntas por forma a manter um espaço de resposta mais aberto para que o entrevistado pudesse compor mais livremente a sua história profissional.

O guião de entrevista semi-estruturado definitivo contém as seguintes perguntas fixas: (a) conte-me a sua história profissional; depois, respeitando o ritmo do entrevistado e após recolha de toda a história de vida profissional (organizações em que trabalhou, tipo de relações laborais, duração, etc.) era introduzida a segunda pergunta: (b) quais os impactos destas vivências laborais na sua vida?; após o entrevistado enumerar os impactos, coloca-se a questão: (c) Que estratégias usou para lidar com estas situações, com estes impactos?; (d) por fim, pede-se ao entrevistado para oferecer a sua visão sobre este fenómeno, deixando sugestões, opiniões, ideias e fazendo o fecho da entrevista, introduzindo perguntas como, por exemplo: o que sente acerca deste novo fenómeno do desemprego; que medidas – políticas, sociais, económicas, etc. - julga que poderiam ajudar a lidar com estes impactos que enunciou?; Como vê o seu futuro e o futuro da sua carreira?; Qual a sua visão para o futuro acerca do mercado laboral português?.

Apesar do instrumento de recolha de dados ter visado estas várias questões, neste artigo, serão abordados apenas os resultados relativos aos impactos do desemprego.

2.3. Procedimento

Numa primeira fase, foi criado um Blog oficial do Projeto (<http://inemprego.blogspot.com>) e um inquérito online com a ferramenta *Survey Monkey* com o objetivo de angariação de participantes. Posteriormente, divulgou-se o estudo através da rede social *Facebook*, de contatos informais e do ‘boca-em-boca’ e através do correio eletrónico utilizando para tal, *mailing lists*.

Conhecidos os indivíduos que voluntariamente se disponibilizaram para participar no estudo, foram realizados os contactos, agendadas e realizadas as entrevistas em datas, horários e locais compatíveis com as disponibilidades dos participantes. Foi assegurado o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos e pedido que se identificassem apenas no documento escrito denominado ‘Consentimento livre e informado’, no qual foram explicitados os objetivos da investigação, critérios de participação e aceitação de participação voluntária no estudo. Foi disponibilizada aos entrevistados a possibilidade de utilizarem nomes fictícios quer individuais quer de organizações, dado que a particularidade das suas histórias de vida profissionais poderia permitir a sua identificação.

2.4. Técnica de análise de dados

No final da gravação das entrevistas, procedeu-se à transcrição integral das mesmas para texto e, por fim, estas foram inseridas no *software Nvivo* para análise qualitativa de dados.

O recurso às tecnologias para análise de dados qualitativos tem se tornado cada vez mais um recurso precioso, já que permite uma gestão do tempo mais eficaz e uma gestão da informação mais ágil, quando se possui um volume de informação muito grande (Vicario, García & Gómez, 2012). No entanto, o NVivo é apenas a ferramenta que assiste o investigador e este é que tem de *“dutifully make sense of all the data him or herself, without damaging the context of the phenomenon being studied”* (Ishak & Bakar, 2012).

3. Apresentação e Discussão de Resultados

A investigação ainda se encontra em curso e, por isso, os resultados aqui apresentados são preliminares e resultam da codificação realizada com os dados recolhidas nas 9 entrevistas. Apresenta-se na Tabela 2 os 33 impactos com maior número de codificações encontrados.

Na coluna 1. da Tabela 2. foi atribuído um número a cada impacto/categoria gerada para uma melhor compreensão da tabela, enquanto que nas colunas 2, 3 e 4 da mesma tabela se apresentam: a descrição/designação do impacto encontrado, as suas fontes e as referências codificadas. No *software Nvivo*, as fontes designam cada uma das entrevistas, ou seja, quando surgem 9 fontes, significa que o impacto foi codificado nas 9 entrevistas. As referências respeitam ao número de vezes que o impacto foi codificado (podem dizer respeito a uma frase, pequena ou grande ou até a parágrafos inteiros), já que a unidade de análise é a ideia que o entrevistado está a transmitir.

Tabela 2: Descrição dos 33 impactos do desemprego mais codificados, fontes e referências (Ordenado por N.º de referências)

N.º atribuído	Designação do impacto codificado	Fontes	Referências
1	Aprendizagem, experiência, satisfação e reconhecimento profissional, rede de contactos	9	56
2	Sentimento de frustração, injustiça, tristeza, ansiedade, stress, medo, revolta	9	52
3	Degradação de Salários ou pagamentos	9	51
4	Impostos e despesas acrescidas e perda de benefícios sociais	9	42
5	Maior instabilidade pessoal, profissional e económica	8	42
6	Acceptar Trabalho sobrequualificado	7	34
7	Procura ativa de emprego, procurar sempre melhor, mais oportunidades, estar muito atento	9	33
8	Incerteza e incapacidade de planear o futuro e obter independência	8	32
9	Mobidade geográfica	5	31
10	Reapetir formas de pensar e filosofia de vida	8	28
11	Menor planeamento e controle financeiro	6	27
12	Imprevisibilidade da duração do trabalho	5	26
13	Acumular múltiplos trabalhos	7	25
14	Dependência de outros	8	25
15	Pensar mudar de carreira ou ir para o estrangeiro	7	24
16	Aziar outros projetos de vida	7	24
17	Fuga a impostos	5	23
18	Obtenção de rendimentos	7	23
19	Relações sociais e familiares afetadas	7	21
20	Sentir-se inútil, necessidade de fazer algo, manter-se ocupado	5	18
21	Expectativas logradas	7	17
22	Disponibilidade para prosseguir estudos e formação	5	17
23	Acceptar condições de trabalho que não se deseja	6	17
24	Não conseguir escalar para contratos permanentes (emprego)	6	12
25	Vulnerabilidades: excesso de qualificações, excesso de experiências profissionais	4	11
26	Mais flexibilidade, trabalhar menos tempo, gerir melhor a vida	1	10
27	Picos de muito trabalho por oposição a momentos sem trabalho	4	10
28	Não conseguir distinguir entre desemprego e precariedade e tipos de precariedade vivida	7	9
29	Alguma estabilidade em momentos de contrato a prazo e subsídio de desemprego	3	9
30	Funções mal definidas, acumular funções e polyvalência	4	9
31	Azariar mais (quer geograficamente, quer ao nível do tipo de trabalho)	3	7
32	Medo do desemprego	2	7
33	Aziar casamento e maternidade ou paternidade	5	7

Para uma análise mais pormenorizada, referir-nos-emos aos Impactos pela sua designação seguida do número atribuído na Tabela 2. (por exemplo, Impacto n.º 1, será descrito como I.1).

Começando por uma visão geral dos resultados, observa-se que a grande maioria dos impactos (N=26) são referidos por mais de metade dos participantes (N=5) o que denota já, apesar de estarmos ainda a trabalhar resultados preliminares, alguma partilha dos impactos deste tipo de vivência por parte de graduados portugueses.

Verificamos ainda que são 5 os impactos que são referidos por todos os participantes (N=9) e que estão também no topo dos mais codificados:

- (A) I.1: Aprendizagem, experiência, satisfação e reconhecimento profissional, rede de contatos;
 - (B) I.2: Sentimento de frustração, injustiça, tristeza, ansiedade, stress, medo, revolta;
 - (C) I.3: Degradação de salários ou pagamentos;
 - (D) I.4: Impostos e despesas acrescidas e perda de benefícios sociais;
 - (E) I.7: Procura ativa de emprego, procurar sempre melhor, mais oportunidades, estar muito atento.
- Além disso, no total, são 4 os impactos codificados em 8 dos 9 entrevistados da amostra:
- (F) I.5: Maior instabilidade pessoal, profissional e económica
 - (G) I.8: Incerteza e Incapacidade de planear o futuro e obter independência
 - (H) I. 10: Reajustar formas de pensar e filosofia de vida
 - (I) I. 14: Dependência de outros

Por forma a compreender melhor a vivência do inemprego e as origens destas codificações apresenta-se na Tabela 3 pequenos excertos de verbalizações dos entrevistados de cada um destes impactos.

Tabela 3: Exemplos de verbalizações e respetiva codificação

	Categoria/ node	En t	Exemplos de Verbalizações
A	I.1 Aprendizagem, experiência, satisfação, reconhecimento, rede de contactos	E.3	"...o facto de ter sido antes aluno e depois faz com que tenha conhecido muita mais gente, que tenha arranjado relações profissionais e pessoais familiares e que no futuro, no futuro próximo que me possam trazer realmente muita coisa"
		E.4	"...aprendi a lidar com muitas pessoas de formas diferentes e que tem maneiras de lidar, e pensar, e agir completamente diferentes. E isso de fato fez-me crescer enquanto pessoa..."
B	I.2 Sentimentos: frustração, tristeza, ansiedade, revolta, medo	E.3	"a revolta... primeiro a pais, neste momento até hoje eu não posso dizer que me foram criadas condições para eu realmente ter uma situação de vida estável e cada vez vejo isso a piorar, não vejo nada a melhorar..."
C	I.3 Degradação de salários e pagamentos	E.4	"Sim, neste momento... o pouco que se recebe porque nunca se é sinceros, o trabalho precário é mal pago. Hum... se eu for passar um recibo verde, chega ao fim e não recebe nenhum. Trabalhei para o zero."
D	I.4 Impostos e despesas acrescidas e perda de benefícios sociais	E.3	"...com a carga de impostos... e depois porque os recibos verdes implicam muita coisa não implicam nada, eu vejo, temos despesas fixas, pagamos muito mais do que os outros e não temos direito a absolutamente nada. E isso revolta muito, ter de chegar ao final do mês e ter de pagar uma contribuição que não nos dá direito a nada... eu tenho a trabalhar 7 anos e é como se não tivesse a trabalhar nada (...).acho que não vou ter reforma nenhuma..."
E	I.7 Procura ativa de emprego, procurar sempre melhor, mais oportunidades, estar muito atento	E.3	"mandava currículos, candidaturas espontâneas para empresas todas as semanas! Todas as semanas fazia uma pesquisa na internet, a ver o que era novo, mandava para todo o lado, todas as propostas, todos os anúncios de emprego que apareciam fosse a Mim de cá ou a 100 km de cá, eu candidatar-me a tudo... nunca recebi uma resposta! Nunca!"
F	I.5 Instabilidade pessoal e profissional	E.1	"aquela instabilidade toda, (...) será que eu vou conseguir pagar tudo; será que eu vou conseguir ter a casa mais vezes... eu não vou ter trabalho, vai ser difícil..."
		E.4	"em termos financeiros, é uma desgraça total..."
G	I.8 Incerteza e incapacidade de planear o futuro e obter independência	E. 1	"depois três anos e depois três ter os filhos, e três estar na minha cidade a trabalhar, tendo a passar dos 5 anos em que vejo que já não há vinculação, os objetivos tiveram de ser reavaliados e os planos tiveram de ser não a longo prazo mas mais a curto prazo, (...).não... não posso pensar a longo prazo porque não sei para o ano onde estarei..."
H	I.10 Reajustar formas de pensar e filosofia de vida	E.1	"tive de deixar de ser aluno... fazer com que as minhas expectativas não fossem tão altas..."
I	I.14 Dependência de ajuda dos outros	E.4	"O que me... estas vicissitudes todas negativas obrigou-me a acalmar bastante para tomar decisões a longo prazo, porque... a curto-prazo já sei que a decisão era a mesma e não podia entrar em stress"
		E.4	"porque é assim, vamos ser sinceros, eu morei na casa dos meus pais. E sem a ajuda deles não teria esta hipótese. Famos ter pontos azuis!"

Da Tabela 2. é possível verificar que os dois impactos mais codificados até ao momento (I.1 e I.2) com 56 e 52 referências respetivamente, e que estão presentes em todas as fontes, parecem de alguma forma contraditórios. Se, por um lado, os entrevistados referem a possibilidade de aprender, ganhar experiência, obter satisfação profissional e aumentar a rede de contactos, por outro lado, referem também sentimentos de frustração, injustiça entre outros.

De alguma forma este dado vai ao encontro de uma certa contrariedade presente na vivência do inemprego, devido à alternância entre momentos de trabalho precário e momentos de não atividade laboral/desemprego: se por um lado, o inemprego se assemelha a algumas características de um emprego (Araújo & Jordão, 2011) já que oferece alguns rendimentos (I. 18), aumenta a experiência profissional e aprendizagem, alarga a rede de contatos e gera sentimentos de satisfação profissional (I.1), por outro lado, incorpora em si, muitas características da precariedade laboral, como por exemplo, a degradação de salários ou pagamentos (I.3), impostos e despesas acrescidas e perda de benefícios sociais (I.4) e uma maior instabilidade pessoal, profissional e económica (I.5), previamente descritas na literatura. Por exemplo, Kovács, quando define a precariedade laboral:

Refere-se ao trabalho mal pago, pouco reconhecido e que provoca um sentimento de inutilidade, [...] à instabilidade do emprego, à ameaça do desemprego, à restrição dos direitos sociais e também à falta de perspectivas de evolução profissional. A difusão das formas precárias está ligada à procura da flexibilização quantitativa e à redução de custos do trabalho através do recurso a vínculos contratuais instáveis e através da substituição de contratos de trabalho por contratos comerciais (Kovács, 2004, p. 35).

Na mesma afirmação da autora, encontramos também referências ao I.20 que descreve Sentimentos de inutilidade e ao I.32, no qual os entrevistados referem o medo do desemprego.

Outros impactos têm sido descritos na literatura, por exemplo, a mobilidade geográfica (I. 9) num estudo sobre precariedade em graduados holandeses de Hensen, De Vries e Cörvers (2009), e a disponibilidade para prossecução de mais estudos e formação (I.22) que foi confirmado num estudo com mais de cem mil graduados americanos como um impacto do desemprego (Johnson, 2013).

Adiar casamento e maternidade ou paternidade (I.33) e adiar outros projetos de vida (I. 16), como, por exemplo, comprar casa ou carro, viajar, etc., entre outros impactos semelhantes, foram descritos por Alves, Cantante, Baptista e Carmo (2011) num estudo português com 80 entrevistados com idades entre os 18 e os 34 anos de todos os níveis académicos, considerando os autores que:

“a precariedade não se circunscreve à questão laboral, expande-se pelas várias dimensões e sectores da vida social, atingindo de forma grave (mas não exclusiva) a população mais jovem de Portugal. Encontramos quase um modo de vida, marcado pelo receio de que se possa ficar de repente sem fonte de rendimento ou com um rendimento insuficiente. A imprevisibilidade de um quotidiano precário faz com que diversos rituais de transição para a vida adulta sejam adiados consecutivamente: a autonomização financeira, a saída de casa dos pais, a criação de um novo agregado familiar ou a procriação. (2011, p. 5)

Em particular quanto ao I.33 - o adiamento do casamento, maternidade e paternidade - este impacto surge codificado em 5 das 9 entrevistas, por isso, é interessante observar um exemplo de uma verbalização de uma entrevistada a este respeito: *“sim, ele [o marido] quer [ter filhos] e diz que tudo se arranja mas para mim está fora de hipótese, enquanto não arranjar nada, está fora de hipótese (...) é uma decisão muito difícil...porque depois o meu marido quer muito [ter filhos], e depois...o pai dele, está doente, tem cancro...e quer muito um neto e...é um bocado difícil...”* (E.9).

Em estudos prévios, Araújo e Jordão (2011) haviam já descrito também alguns dos impactos do inemprego em graduados portugueses, que agora ressurgem, como seja, a incerteza e incapacidade de planear o futuro e obter independência (I. 8), a maior instabilidade pessoal, profissional e económica (I.5), os impostos e despesas acrescidas e perda de benefícios sociais (I. 4), o maior planeamento e controle financeiro (I.11), a dependência de ajuda dos outros (I.14), as relações sociais e familiares afetadas (I. 19), entre outros.

Porém, surgem agora impactos particulares do desemprego em graduados, não documentados anteriormente como, por exemplo, aceitar trabalho sobrequalificado (I.6), expectativas logradas (I.21), vulnerabilidades: excesso de qualificações, excesso de experiências profissionais (I. 25), ter picos de muito trabalho por oposição a momentos sem trabalho (I. 27) e não conseguir distinguir entre desemprego e precariedade e tipos de precariedade vivida (I. 28), que se constituem assim como os contributos principais a realçar destes resultados preliminares.

Em particular quanto ao I.25 - Picos de muito trabalho por oposição a momentos sem trabalho – este é um impacto que seria de prever, uma vez que o trabalho flexível ou precário é uma forma das organizações colmatarem necessidades passageiras ou de lidarem com a incerteza do mercado, porém “uma parte substancial das formas flexíveis de emprego é precária” (Kovács, 2004, p. 35) e esta situação reapresenta-se agora como um impacto na vida pessoal dos graduados e que, por sua vez, afetará as restantes áreas da sua vida, como seja a económica e a familiar, como refere uma entrevistada: *“efetivamente era um trabalho que ate se recebe bem, não é uma coisa minimamente estável porque podemos passar meses a receber muito bem e depois passamos alguns meses sem receber nenhum...(...) porque havia meses em que eu podia ter 2 ou 3 projetos mas havia meses que podia não ter nenhum...”* (E.3).

Por fim, um impacto de maior importância neste estudo e que nos remete diretamente para as opções vocacionais de graduados e indiretamente para as suas implicações sociais: o I. 27 - Vulnerabilidades: excesso de qualificações, excesso de experiências profissionais – remete para o que deve ser o início de uma reflexão profunda sobre o papel dos graduados na sociedade portuguesa. Como já havíamos referido neste artigo, ocorre em Portugal uma massificação do ensino superior que não terminará por aqui, uma vez que Portugal comprometeu-se no âmbito da Estratégia Europa 2020 a atingir 40% de licenciados com idades entre os 30 e os 34 anos, até 2020.

Porém, desta investigação emergem já diversos testemunhos de que possuir um diploma do ensino superior está a transformar-se numa desvantagem em invés de uma vantagem, como é o caso da entrevistada 9 quando refere: *“Tive uma vez uma experiência que concorri para [uma instituição pública] e eles disseram-me para esconder a licenciatura, porque com licenciatura não teriam funções para mim!!! (...) Eu disse, pronto, então se calhar é melhor fazer 2 currículos, um com a licenciatura e outro sem. E fiz isso.”*

Assim, omitir a licenciatura do Currículo Vitae parece estar a tornar-se uma prática comum entre graduados.

Se o excesso de qualificações parece estar a constituir-se como um problema, não deveria ser de esperar que o excesso de experiência profissional o fosse, dado que sempre foi um aspeto valorizado pelas empresas. Mas, no caso dos desempregados (e nunca esquecendo que se trata de uma carreira a alternar momentos com trabalho com momentos sem trabalho) o facto de eles possuírem muita experiência profissional e terem trabalhado em muitas organizações não é habitualmente, bem visto pelos empregadores como refere o entrevistado 3 *“normalmente perguntam-me porque é que eu saltei tantas vezes de posto, digamos”*. Em paralelo, e por consequência da flutuação trabalho-não trabalho, surgem mais recentemente os ‘buracos’ do Curriculum vitae (CV), diretamente relacionados com o I.27, ou seja, os graduados não têm como ‘preencher’ no seu CV os momentos sem trabalho e as organizações portuguesas parecem não estar ainda a par deste fenómeno, vivendo ainda em modelos de emprego do “velho mundo industrial” (Handy, 2006, p. 127) e do tempo em que se trabalhava numa organização toda a vida, acabando os diplomados por ficarem vulneráveis por causa disso (I.27).

Assim, além de sabermos que iríamos enfrentar a sobrequalificação em graduados (Marques, 2004) e de se refletir há muito tempo sobre a cada vez menor correspondência entre ter um diploma e conseguir um emprego, fenómeno que Berg (1970) apelidou como o *great training robbery*, num panorama alargado é fácil perceber que está a ocorrer um ‘mismanagement of talent’ (Brown & Hesketh, 2004) uma vez que, como refletiam os autores já há mais de 10 anos atrás:

“There is growing evidence that university graduates are confronting significant labour market congestion in the competition for fast-track jobs in leading edge organizations, where over twenty well-qualified graduates typically apply for each fast-track appointment. In such circumstances a university degree is rather like a mortgage endowment policy, past returns are no guarantee of future performance” (Brown & Hesketh, 2004, p. 216)”

4. Conclusões e passos para a investigação futura

Com este estudo, procurou-se descrever os resultados preliminares da investigação sobre os impactos do desemprego, de uma forma global, sejam eles de cariz mais negativo ou positivo e procurar-se-á de futuro compreender melhor e sistematizar estes fenómenos aprofundadamente, já que “com a era da flexibilização o trabalho tornou-se ilegível e incompreensível” (Sennet, 2001, p. 19).

As principais conclusões revelam que os impactos do desemprego em graduados portugueses apresentam-se essencialmente de três tipos: (a) Tipo 1, impactos semelhantes aos descritos em investigações sobre desemprego; (b) Tipo 2, impactos semelhantes aos descritos em estudos sobre precariedade laboral e (c) tipo 3, impactos próprios da vivência alternada de ambas as situações.

Os dois impactos mais codificados e presentes em todas as entrevistas codificadas foram a Aprendizagem, experiência, satisfação e reconhecimento profissional, rede de contactos (I.1.) e os sentimentos de frustração, injustiça, tristeza, ansiedade, stress, medo, revolta (I.2) o que por si só revela o carácter ambíguo da vivência alternada de momentos de precariedade e desemprego em graduados e que se constitui como um desafio atual quer do mercado de trabalho, quer do ensino superior português.

O desemprego constitui-se assim, cada vez mais como uma nova vivência com identidade e impactos próprios o que vai de encontro a resultados ainda incipientes da literatura (Adsera, 2011; Araújo & Jordão, 2011; Bertrand-Cloudt et al., 2012; Hock-Eam, 2010; Viens, 1996).

Sendo que a “questão da precariedade dos jovens licenciados é ainda um aspeto com pouca visibilidade na política portuguesa” (Mesuras, 2009, p. 26) e face a estes resultados, ainda que preliminares, pensamos que é urgente repensar o ensino superior e os programas de empregabilidade para graduados, pois os objetivos fixados para 2020 para Portugal preveem um forte incremento de graduados nos próximos anos. Aliás, em toda a linha, Portugal tem trabalhado para este objetivo, tendo sido implementados vários programas nos últimos anos como, por exemplo, o programa Novas oportunidades, o Programa Retomar, o Programa Maiores de 23, etc. Não retirando mérito aos programas, parece óbvio que têm de surgir intervenções e programas para o emprego nos licenciados já existentes atempadamente e contribuir para os já diversos “debates acerca da desarticulação entre o sistema de ensino e o mercado laboral” (Mesuras, 2009, p. 11), se não, o panorama futuro parece estar a configurar-se ainda mais desafiante.

Em conclusão, os estudos dos impactos do desemprego irão continuar a ser investigados e, após a finalização das análises, uma teoria final, fundamentada nos dados, será apresentada. Porém, é importante reiterar a necessidade de realizar investigação em outros níveis educacionais que não os graduados e de replicar esta investigação noutros países europeus, uma vez que os enquadramentos jurídico-legais, fundamentais nesta questão, diferem de país para país.

5. Referências bibliográficas

- Adsera, A. (2011). The interplay of employment uncertainty and education in explaining second births in Europe. *Demographic Research*, 25, 513-544.
- Alves, N., Cantante, F., Baptista, I., & Carmo, R. (2011). *Jovens em Transições Precárias: Trabalho, Quotidiano e Futuro*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Araújo, P., Castro, J., & Jordão, F. (2014). “Always a worker, never an employee”: The ‘anemployment’ as an emergent labor category. [No Prelo] *“Revista Trabalho e Educação”* (Brasil).
- Araújo, P., & Jordão, F. (2011). “The unemployable”: Case studies on the impact of psychosocial non-employment among graduates Portuguese. *Análise Psicológica*, 29(2), 289-314.
- Araújo, P., Jordão, F., & Castro, J. (2014). Consequences of atypical work relations and unemployment in higher education graduates: An integrative literature review. In Universidade Católica (Ed, Livro de Actas do II Congresso Internacional de psicologia do trabalho e das Organizações: “Pessoas e trabalho: investigação, diagnóstico e intervenção nas organizações” [No Prelo]. Braga: Universidade Católica.

- Berg, I. (1970). *Education and Jobs: The Great Training Robbery*. New York: Praeger.
- Bertrand-Cloodt, D., Corvers, F., Kriechel, B., & van Thor, J. (2012). Why Do Recent Graduates Enter into Flexible Jobs? *Economist-Netherlands*, 160(2), 157-175.
- Briscoe, F., Wardell, M., & Sawyer, S. (2011). MEMBERSHIP HAS ITS PRIVILEGES? CONTRACTING AND ACCESS TO JOBS THAT ACCOMMODATE WORK-LIFE NEEDS. *Industrial & Labor Relations Review*, 64(2), 258-282.
- Brown, P., & Hesketh, A. (2004). *The mismanagement of Talent: Employability and Jobs in the Knowledge Economy*. Oxford: Oxford University Press.
- Castro, J., & Pego, A. (2000). A Carreira já não é o que era.... *Cadernos de Consulta Psicológica*, 15-16, 13-20.
- Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: A Practical Guide Through Qualitative Analysis*. Londres: SAGE Publications.
- Eisenberg, P., & Lazarsfeld, P. (1938). The psychological effects of unemployment. *Psychological Bulletin*, 35(6), 358-390.
- Eurofound. (2012). *NEETs: Young people not in employment, education or training*. Luxemburgo: European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions. Publications Office of the European Union.
- Fernandes, E., & Maia, A. (2011). Grounded theory. In E. Fernandes & L. Almeida (Eds.), *Métodos e técnicas de avaliação : contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 49-76). Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- Gebel, M. (2009). Fixed-term contracts at labour market entry in West Germany: Implications for job search and first job quality. *European Sociological Review*, 25(6), 661-675.
- Handy, C. (2006). *O Meu Eu e outros temas importantes*. Lisboa: Actual Editora.
- Hensen, M. M., De Vries, M. R., & Cörvers, F. (2009). The role of geographic mobility in reducing education-job mismatches in the Netherlands. *Papers in Regional Science*, 88(3), 667-682.
- Hock-Eam, L. (2010). Estimating Psychological Impact of Unemployment: the Case of Malaysian Graduates. *Malaysian Journal of Economic Studies*, 47(2), 33-53.
- Ishak, N., & Bakar, A. (2012). Qualitative data management and analysis using NVivo: An approach used to examine leadership qualities among student leaders. *Education Research Journal Vol 2.(3) pp. 94-103, March 2012, 2(3), 94-103*.
- Johnson, M. T. (2013). The impact of business cycle fluctuations on graduate school enrollment. *Economics of Education Review*, 34, 122-134.
- Kalleberg, A. (2009). O crescimento do trabalho precário: um desafio global. [Versão eletrónica]. *Revista Brasileira Ciências Sociais*. [Online], 24(21-30), Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v24n69/02.pdf>.
- Kovács, I. (2004). Emprego flexível em Portugal. *Sociologias*, nº 12, 32-67.
- Marques, A. (2004). Mercados Profissionais e (di)visões identitárias de jovens engenheiros. Obtido em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/271.pdf>
- Mesuras, T. (2009). *Um Olhar Político sobre a Precariedade dos Jovens Licenciados*. [Dissertação de Mestrado] Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa.
- Oliveira, L., & Carvalho, H. (2008). A precarização do emprego na Europa. *Dados-Revista de Ciências Sociais [Online]*, 51(3), 541-567.
- Paulino, A., Coimbra, J., & Gonçalves, C. (2010). Diplomados do ensino superior na transição para o trabalho: Vivências e significados. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 177-188.
- Polivka, A., & Nardone, T. (1989). On the definition of "Contingent Work". *Monthly Labour Review*, 112(12), 9-15.

- Pordata. (2014). Diplomados Por ano - Ensino Superior. <http://www.pordata.pt>
- Rosti, L., & Chelli, F. (2012). Higher education in non-standard wage contracts. *Education and Training*, 54(2-3), 142-151.
- Sebastian, A. (2008). Gender, education and employment: An analysis of higher education and labour market outcome in kerala. *Indian Journal of Labour Economics*, 51(4), 871-885.
- Sennet, R. (2001). *A Corrosão do Carácter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Lisboa: Edições Terramar.
- Vaz, A. (2000). As novas formas de trabalho e a flexibilidade do mercado de trabalho. Livro de Atas do IV Congresso Português de Sociologia - Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos. http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dcf976dde7_1.PDF
- Vicario, B., García, A., & Gómez, M. (2012). NVIVO 10: Una Herramienta de Utilidade en el Mundo de la Comunicación. In *Actas del 2º Congreso Nacional sobre Metodología de la Investigación en Comunicación* (pp. 1003-1008).
- Viens, C. (1996). *Future shock of the new graduates*. *The Canadian nurse*, 92(2), 40-44.

Informação para contacto

Patrícia Araújo: pattaraujo@gmail.com

